

**Alessandro Buzo – *Suburbano convicto*:  
cotidiano do Itaim Paulista.**

São Paulo: Edicon, 2004.

Patrícia Mattos de Oliveira

O título do livro *Suburbano convicto*, de Alessandro Buzo, foi tirado de uma música do Planet Hemp (“Sou protegido e protejo os que estão do meu lado/A mente aberta e pelos Orixás abençoado/Suburbano convicto, corpo fechado/Nada pode me parar e eu vou falando o que eu quiser”), segundo entrevista do autor concedida ao site [www.rapnacional.com.br](http://www.rapnacional.com.br), em 14/10/2004. O contato com a cultura hip-hop não pára por aí: Buzo não ignora a sua filiação ao movimento, e acrescenta ao texto outros elementos que compõem as diversas vertentes culturais constitutivas dessa estética. Nessa perspectiva, o livro apresenta prefácios elaborados por integrantes de grupos de RAP, desenhos com traços característicos do grafite, além das referências aos MC’s.

Dessa maneira, o livro funciona como parte de um conceito maior, integrando o literário à cultura hip-hop, sem, no entanto, perder de vista a necessidade de construir uma estética própria que não distancie o texto literário das demais expressões culturais ligadas ao movimento. Essa intenção fica clara no uso de uma linguagem rápida, na preocupação quase didática do narrador em formar consciências, o que é muito próprio das letras dos RAPs. Os Racionais MC’s, por exemplo, em seus CDs, costumam mesclar música e falas que testemunham as dificuldades da vida na periferia e estimulam a resistência aos apelos das drogas e da violência, tomando, por vezes, um aspecto didático-moralista, o que não chega a ser um problema, mas é um dado dessa estética. Da mesma maneira, Buzo não foge disso e mantém no corpo do texto essa prática própria de movimentos ligados ao hip-hop.

Outro aspecto interessante do livro é a presença da fotografia como parte da narrativa. Os personagens não são detalhadamente descritos, muito menos os espaços, entretanto, as fotos preenchem as lacunas deixadas pelo texto. O recurso funciona e nos leva a pensar no quanto a diversidade de tipos e personalidades é ainda difícil de ser descrita por ser recente no meio literário. Ora, escrevemos por modelos, e nossos modelos não incluem os personagens fotografados. Buzo usa fotografias e as espalha pelo texto de maneira coerente e representativa. A miséria também fica por conta da imagem, já a violência esperada nesse tipo de texto muda de foco. São pequenas violências diárias: distância, dificuldade para arranjar dinheiro, as poucas oportunidades, a escola como perda de tempo, a presença do Estado coercitivo representado pela polícia, e a ausência do Estado benfeitor. A violência no livro é também de fora para dentro.

*Suburbano convicto* parece ser o reconhecimento do espaço periférico como *locus* de autocompreensão. O bairro é parte das pessoas, uma espécie de representação territorial da comunidade, microcosmos a ser descoberto e uma tentativa declarada de estabelecer relações de pertencimento. Buzo conduz a história de uma maneira bastante coerente com o título do livro, mas incomum, em alguns aspectos, se comparado ao que estamos acostumados a encontrar em textos da periferia. A miséria e a violência estão ali, visíveis, reais; entretanto, constituem uma parcela da vida daquele grupo, parte do tema, mas não o tema. No lugar da violência como mote, próprio de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, ou de *Capão pecado* e *Manual prático do ódio*, de Ferréz, *Suburbano convicto* traz para a cena os hábitos e as paixões que movimentam o cotidiano das pessoas do Itaim Paulista.

O foco está na vida e não na morte trágica de personagens, sobretudo porque o drama é também externo à periferia, correspondendo sempre a uma resposta à constante falta de assistência característica dos bairros periféricos. O autor sugere um olhar para o interior dessas vidas, para a lógica perversa que acaba por encaminhá-las para os fins trágicos previsíveis, mas que também revela a possibilidade de reversão da profecia que lhes é imposta. Não se trata, entretanto, de ode à favela, uma espécie de beatificação da pobreza ou da pureza original dos pobres escolhidos por Deus; ao contrário, o texto provoca existências, mas não as torna especiais. Transformar estatísticas policiais em subjetividades, em existências, surge como uma espécie de objetivo maior do texto.

Uma das estratégias do autor é apresentar alguns dos elementos que compõem o cotidiano dessas pessoas e que, de maneira geral, escapam à literatura canônica. O futebol, e as relações de vida que se estabelecem a partir dessa paixão tão comum ao brasileiro, é parte da narrativa não apenas como pano de fundo para os encontros dos amigos de infância de Ricardo, personagem central do livro. Por vezes toma capítulos inteiros e também serve como marca temporal de movimentos na narrativa e como marco dos momentos mais especiais para o protagonista. A primeira copa, referência à infância; a copa de 1990, marcando a adolescência; a conquista do campeonato paulista, descrita com todo cuidado, sinalizando o amadurecimento do personagem, entre tantas outras referências a um esporte tão popular e que muitas vezes é suficiente para demarcar alegria e tristeza, e também para estabelecer relações de fracasso e vitória como extensão da vida dos apaixonados pelo esporte: “Foi um pulo até o fim do jogo, e, pela primeira vez na vida, Ricardo gritou: ‘É campeão! É campeão’”.

As partidas de futebol, seja na viela, entre amigos, ou no campo oficial, funcionam como traços na linha do tempo e da vida do personagem, uma memória que se fundamenta nos eventos futebolísticos. A presença do futebol é tão marcante que podemos

dividir o texto em duas etapas, ou melhor, em dois tempos. O primeiro inicia-se em 1978, ano de Copa da Argentina, e formula-se como uma trama interna, na qual o personagem central estabelece afetividades com o grupo de meninos da mesma rua. Essa primeira etapa inclui infância e adolescência e se caracteriza pela fixação no espaço restrito do bairro, no qual acontecem as primeiras partidas de futebol, a escolha do time. O futebol, portanto, funciona como elemento aglutinador, que promove a intersecção entre os meninos e o bairro, as ruas e as disputas que surgem dessas descobertas. Podemos afirmar que essa primeira etapa é um percurso para o reconhecimento do espaço que ocupa, a internalização dos valores locais e da ocupação do tempo no reconhecimento desse espaço.

Na segunda etapa, o personagem amplia seu espaço e começa a descobrir a cidade. As referências ao futebol tornam-se escassas e em seu lugar surgem as drogas, que também servem como elemento para uso do tempo e do espaço disponível no bairro. Ricardo, então, se defronta com toda natureza de problemas decorrentes da perda da inocência, do fim da infância e do confronto com a cidade. Entra em cena o trem, o trabalho como *office-boy*, o desemprego e o vício.

Ricardo movimenta-se, mas sua capacidade de movimentação é limitada pela falta de dinheiro e pelas distâncias. Se antes o bairro era suficiente para preencher a vida, agora é limitador: “Ao mesmo tempo em que Ricardo amava o Itaim Paulista, ele tinha raiva da falta de lazer e cultura do bairro”. Como uma espécie de círculo, o personagem percebe que é preciso retomar o espaço do bairro, para o reencontro das referências perdidas, só que agora não mais o futebol, mas o contato com a cultura. E a cultura que se procura não é a mesma encontrada na cidade, na distância do centro de São Paulo. Perseguindo a si mesmo, o personagem central descobre o samba, em seguida o RAP, com o qual se identifica mais, e chega finalmente à literatura: “A vida de Ricardo melhorou e, a essa altura do campeonato, com 23 anos, ele começa a fugir das estatísticas policiais”, afirma o narrador. Vale ressaltar que o encontro com o texto é por meio de uma literatura fora do cânone. O personagem passa a ler, entre outros, Carolina Maria de Jesus e João Antônio, a quem o narrador se refere como “autêntica literatura marginal”. Incomoda um pouco a fé na literatura: “A literatura virou uma mania e afastou de vez Ricardo das drogas”. Entretanto, a fé revela ainda a convicção na força da linguagem, o que pode cegar mas também pode revelar. A percepção de que linguagem é poder pode ser também o desvelamento de outras linguagem que oprimem.

O que há em *Suburbano convicto* não é uma esperança inocente, mas a necessidade de revelar outras faces dessa miséria já estetizada pelo cinema e por algumas literaturas. Buzo sabe de onde fala, tem autoridade para isso e busca uma legitimidade mais ampla.

O autor tem o frescor dos novos escritores, distante das teorias literárias autofágicas, que o movimentam e o faz produzir uma literatura em movimento.

“A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros”, conclui o personagem-narrador de *Angústia*, de Graciliano Ramos. A literatura para aquele Luís da Silva não era capaz de representar seres menores, dispersos, entregues a uma vida aparentemente comum, banal. Um problema próprio de narrador, típico da impossibilidade de dizer, de codificar, de representar certas camadas e dramas que comumente não tomam a frente do espaço literário. A fala de Luis revela também o distanciamento entre essa literatura e esses outros seres afastados do espaço urbano considerado nas produções literárias. É a constatação da ausência de uma literatura que não apenas se diversifique em personagens, mas que se aproxime de outras linguagens e de outros produtores literários.

Muito forte também no texto de Graciliano Ramos é a percepção de que se a literatura não é movimento, não é instrumento manipulável para todo e qualquer usuário da língua, cabe-lhe apenas o papel de sepultura dos ratos. “E os ratos não descansavam. Enquanto alguns roíam a madeira do guarda-comidas, outros deviam estar lá dentro no armário, devastando os manuscritos, morrendo na literatura”. Mas a literatura escapa e toma outros rumos, entra por outras ruelas, por barracos e valas fétidas, participa do discurso de *offices-boys*, camelôs, lavadores de carro e, sem que percebamos, é capturável nos sites de compras e nas livrarias dos mais descolados. Correndo o risco de cair na armadilha do “sou feia, mas tô na moda”, da questionável funkeira carioca, embrenhamo-nos pelo universo hip-hop. É preciso cuidado, é verdade, para não transformar escritores da periferia em bandeira de luta para uma intelectualidade culpada e entediada, mas é preciso também sinceridade para admitir que há arte sendo produzida para além dos eixos estabelecidos e conhecidos, e que, parafraseando Marcelo D2, nada os pode parar e eles vão falando o que quiserem.

[www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br](http://www.suburbanoconvicto.blogspot.com.br)

**Luiz Ruffato (org.) –**  
***25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira***  
 Rio de Janeiro: Record, 2004.

Virgínia Maria Vasconcelos Leal

Desde seu título, a antologia de contos organizada por Luiz Ruffato enfatiza seu caráter de cruzamento entre gênero e o tempo presente. Ler o que as “mulheres estão fazendo” é sempre mais desafiante que, mais uma vez, buscar os nomes das “mulheres